



LEIA MULHERES: LITERATURA, EMPODERAMENTO E DIVULGAÇÃO DA AUTORIA FEMININA EM GOIÂNIA

Pilar Lago e Lousa*
Maria Clara Dunck Santos**

* pilarbu@gmail.com
Mestranda em Literatura na Universidade Federal de Goiás (UFG).
**mdunck@gmail.com
Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília (UnB).

RESUMO: Em *Um teto todo seu*, Virginia Woolf denuncia as limitações de gênero que têm excluído as mulheres do ofício literário. Para descortinar a participação destas na construção da história, surgem iniciativas de resistência ao monopólio intelectual masculino, como o Leia Mulheres, clube de leitura brasileiro fundado a partir da ação #readwomen2014. Incentivar a leitura de obras escritas por mulheres, estimular o aumento da participação delas na literatura e contribuir para uma reorientação do mercado editorial são alguns dos objetivos da iniciativa. Este artigo realiza uma leitura acurada da atuação do Leia Mulheres de Goiânia, em 2016, a fim de verificar as experiências trocadas no clube e de que maneira sua existência pontua questões que permeiam não apenas a relação dos participantes com as obras lidas, mas também o lugar da literatura de autoria feminina, sua importância e resistência em uma sociedade excludente.

PALAVRAS-CHAVE: autoria feminina; empoderamento de mulheres; leia mulheres; clube de leitura.

ABSTRACT: In *A Room of One's Own*, Virginia Woolf denounces the gender limitations which have long excluded women from literature. To expose women's role in the construction of history, several initiatives have sought to offer resistance to male intellectual monopoly, among them the 'Leia Mulheres', a Brazilian reading club established by the #readwomen2014 campaign. Some of its aims include promoting readings of works written by women, encouraging female participation in literature, and helping steer the publishing market in a new direction. This paper presents an accurate overview of the role of Goiânia's 'Leia Mulheres' club in 2016, bringing to the fore experiences shared within the group and the way it has addressed issues concerning not only members' relationship with the works being read, but also the status, importance, and resistance of female literary authorship in an exclusionary society.

KEYWORDS: female authorship; women's empowerment; 'Leia Mulheres'; reading club.

Uma mulher escrever é um ato político.

Luisa Geisler

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pouco mais da metade da população brasileira é leitora. É o que revela a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*,¹ realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro. Publicada em maio de 2016, a quarta edição da pesquisa ouviu 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não. No recorte de gênero, do total de mulheres, 59% são leitoras, enquanto dos homens, apenas 52%. Apesar de lerem mais que os homens, as mulheres são menos lidas. Ademais, para o projeto de revisionismo histórico articulado em consonância ao movimento de emancipação das mulheres – que culminou nos anos 1970 com a deflagração da segunda onda do feminismo² – a constatação de que as mulheres escritoras são marginalizadas é sintomática.

Segundo a organização Vida: Women in Literary Arts³ – que desde 2010 realiza anualmente uma contagem de quantas mulheres e homens são publicados ou têm seus livros revisados por publicações literárias notáveis dos Estados Unidos –, em 2012 seu inventário registrou que apenas 25% dos livros resenhados no *The Times Literary Supplement* e 23% no *The Nation* eram de autoria feminina. Em 2014, o resultado não mudou muito: 27% e 29%, respectivamente. Na última contagem, em 2015, começou-se a vislumbrar uma ascensão. O

melhor número registrado até agora pela Vida contabiliza uma média de 38% de participação feminina nessas publicações. Apesar do aumento de 11 pontos percentuais desde o ano passado, a publicação sobre autoria feminina ainda é significativamente menor em comparação à participação masculina, o que denuncia a desigualdade de gênero na imprensa especializada.

A condição negligenciada das mulheres no campo literário não foge ao texto. Após quinze anos de pesquisa sobre a quem escrevem e sobre quem escrevem os escritores de expressivos romances e contos brasileiros do final do século XX e do início do século XXI, a pesquisadora Regina Dalcastagnè denuncia, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), que a narrativa brasileira contemporânea privilegia a representação de um espaço social restrito. Suas personagens são, em sua maioria, brancas, do sexo masculino e das classes médias. Sobre outros grupos, imperam os estereótipos. As mulheres brancas aparecem como donas de casa; as negras, como empregadas domésticas ou prostitutas; os homens negros, como bandidos – reproduzindo no campo literário os padrões de exclusão da sociedade brasileira. O saldo é que, no recorte apresentado, 72% dos livros publicados são de homens. E o perfil do escritor brasileiro, alinhado à construção do cânone literário ocidental, é de um homem branco, heterossexual, de classe média, em torno dos 55 anos e de cultura judaico-cristã.

1. Disponível em: <<https://goo.gl/F6purg>>. Acesso em: 30 nov. 2016.
2. A filósofa francesa Simone de Beauvoir, teórica expoente da primeira onda do feminismo, escreveu, em 1949, *O segundo sexo*, um extenso ensaio que problematiza a onipresença das categorias de sexo na organização e estruturação da sociedade. Ao afirmar que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, a filósofa francesa estabelece que nenhum destino biológico, psíquico ou econômico define “a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualifica de feminino” (BEAUVOIR. *O segundo sexo: a experiência vivida*, p. 11). >>>
3. Disponível em: <<http://www.vidaweb.org>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

2. >>> A partir da apreensão singular da dinâmica sexuada das relações sociais, esclarecida por Beauvoir (*O segundo sexo: fatos e mitos*; *O segundo sexo: a experiência vivida*), emergiu uma movimentação intelectual que buscou desmistificar a tradição científica falocêntrica que excluiu as mulheres da produção, registra a socióloga Francine Descarries. Especialmente a partir dos anos 1970, o revisionismo feminista promoveu um resgate da presença das mulheres enquanto produtoras e sujeitos do conhecimento.

4. DALCASTAGNÈ. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*.

5. Disponível em: <<https://googl/8CiH71>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

O que Dalcastagnè⁴ trouxe à luz sobre os aspectos essenciais do texto literário reflete na produção acadêmica. A pesquisadora Heloísa Buarque de Holanda revelou, em 1990, em sua apresentação⁵ no seminário Estudos sobre Mulher no Brasil – Avaliação e Perspectivas, que entre 1977 e 1989 foram produzidas no curso de mestrado em Letras da PUC, Rio de Janeiro, 269 teses, das quais 19 abordaram o tema mulher na literatura, ou seja, 7,06% sobre o número total de teses. Já no curso de Pós-Graduação em Letras da UFRJ, das 437 teses de mestrado apresentadas entre os anos de 1973 e 1989, 41 referem-se à mulher, ou seja, 9,38% sobre o total dos trabalhos. Outra mostra da grande disparidade entre os gêneros quando o assunto é literatura.

O monopólio artístico dos homens já havia sido denunciado em 1932 pela escritora inglesa Virginia Woolf em seu ensaio *Um teto todo seu*. Relegadas ao espaço da casa ou não tendo autonomia sobre suas finanças, as mulheres não tinham direito ao trabalho, estudo, passeios, viagens e outras vivências emancipatórias. Para Woolf, o cerceamento espacial silencia a mulher para o mundo: a mulher está presa no “lado de dentro” da casa, o que a deixa “do lado de fora” da produção artística, cultural e científica.

Porque é um enigma perene a razão pela qual nenhuma mulher jamais escreveu qualquer palavra de uma literatura extraordinária quando todo homem, ao que parece, é capaz de

uma canção ou de um soneto. Quais eram as condições em que as mulheres viviam? [...] Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no dedo. Algumas das palavras mais inspiradoras, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido.⁶

O que Woolf denunciou sobre a falta de oportunidades das mulheres em 1932 se estendeu para a segunda metade do século XX. A própria noção de ficcionalização, atrelada à ideia de que o homem escreve melhor do que a mulher ou aborda temas mais profundos, é questionável. Se se pressupõe que, através dos séculos, foram eles que detiveram os meios de produzir bens e deflagrar quais são os *habitus* que ditam as regras sociais, fica muito difícil entender de que ponto parte a noção de valoração estética, artística e literária, visto que as mulheres estariam prejudicadas desde o início da escrita das obras.

AS ORIGENS DO CLUBE: DO #READWOMEN AOS DIAS ATUAIS

Diante do cenário apresentado até aqui sobre a histórica invisibilidade das mulheres na literatura, iniciativas para descortinar a presença feminina se apresentam como uma

6. WOOLF. *Um teto todo seu*, p. 63-66.

resistência à ordem patriarcal que tem gerado bons frutos. Uma delas é o Leia Mulheres,⁷ uma ação nacional cujo principal objetivo é incentivar a leitura de obras de autoria feminina como um estímulo para aumentar a participação das mulheres na literatura. Dialogando diretamente com o consumidor final, que é o leitor, o projeto, invariavelmente, contribui também para uma reorientação do mercado editorial, que precisará atender às novas demandas de produtos. O Leia Mulheres acontece a partir de encontros mensais em formato de clube do livro, onde mulheres e homens dos mais diferentes perfis sociais se reúnem para discutir obras literárias de autoria feminina.

Hoje presente em 42 cidades espalhadas por todas as regiões do país,⁸ o Leia Mulheres tem seu início em 2015, na capital paulista, onde Juliana Leunroth, Michelle Henrique e Juliana Gomes passaram a se reunir em uma livraria para discutir exclusivamente livros de autoria feminina. A ideia foi inspirada na proposta da escritora e ilustradora britânica Joanna Walsh, que lançou no Twitter a *hashtag* #ReadingWomen2014, junto às imagens dos marca-páginas que ela mesma confeccionou com ilustrações de autoras que admirava. Em entrevista ao *The Guardian*,⁹ Walsh conta que o objetivo da *hashtag* é incentivar a leitura de livros de autoria feminina, pois ainda há muitas restrições no mercado editorial em relação às escritoras, e o que as prejudicaria seria o

descaso da imprensa e do mercado editorial. Ainda segundo Walsh, as capas dos livros, por exemplo, quando de autoria feminina, costumam ser estereotipadas.

A *hashtag* #ReadingWomen2014 se espalhou rapidamente. A pedido de seus seguidores, Walsh transformou as postagens em listas para serem compartilhadas. Nesse ínterim, muitas livrarias gostaram da ideia e criaram espaços dedicados a livros escritos por mulheres. Escritoras passaram a usar a *hashtag* para divulgar seus lançamentos, e leitores postaram sobre seus livros preferidos. Então, o espaço virtual de emancipação virtual se expandiu para o espaço físico. As idealizadoras aproveitaram o poder de alcance das redes sociais e também adotaram a *hashtag* na versão traduzida para o português: #LeiaMulheres.

Para além de um conceito de autoria feminina reducionista, castrador e que coloca as mulheres como escritoras monotemáticas, o intuito também é de fundar resistência, viabilizar o debate e ampliar os horizontes dos leitores quanto à produção feminina. Capazes de transitar entre os mais diversos gêneros, estilos e assuntos, as mulheres acabam por dar uma resposta ao mercado editorial, que, como produto de uma sociedade patriarcal e opressora, as subalterniza e marginaliza.

Em Goiânia, Goiás, o Leia Mulheres chegou em março de 2016, adotando os mesmos procedimentos dos outros

7. Disponível em: <<http://leiamulheres.com.br>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

8. A quantidade de cidades que sediam o Leia Mulheres está sujeita a alterações constantes. Este é o número registrado até o dia 19 de janeiro de 2017.

9. Disponível em: <<https://goo.gl/DsR7Q9>>. Acesso em: 1º dez. 2016.

clubes no Brasil: mulheres e homens com os mais diversos perfis sociais se reúnem uma vez por mês para discutir obras de autoria feminina. A escolha dos livros segue critérios particulares de cada clube, que possui total autonomia quanto a essa e outras questões. As únicas regras são: têm de ser livros escritos por mulheres e as pessoas que fazem a mediação dos encontros são exclusivamente mulheres. Todos os encontros aconteceram no espaço da livraria e cafeteria Evoé Café com Livros, na região do centro expandido da capital goiana.

LEIA MULHERES GOIÂNIA: RETROSPECTIVA DOS ENCONTROS

Desde o início do clube em Goiânia,¹⁰ houve uma preocupação por parte de suas mediadoras em não buscar só obras e escritoras que fossem conhecidas do grande público, mas também de abrir o diálogo com autoras de perfis variados, sejam elas contemporâneas, independentes, oriundas de periferia, ou que abordassem temas que saíssem do lugar-comum e subvertessem a própria plataforma do livro e do fazer literário. O clube, que acontece na última quinta-feira de cada mês, abordou em seu primeiro ano temas como homoafetividade feminina, heterossexualidade compulsória, desconstrução da representação feminina clássica, masturbação feminina, mulheres periféricas, erotismo, mulheres em estados de exceção, o poder que surge a partir da coletividade feminina,

situações de guerra, e como o protagonismo das mulheres foi esvaziado nessas situações, a memória e a mulher sertaneja. Assim, os leitores teriam uma gama maior de opções de leitura e compreenderiam melhor a máxima de que “mulher escreve sobre o que ela quiser”.

A primeira obra lida, *Poética*, traz a pungência e acidez dos poemas de Ana Cristina César. Em uma ação nacional, que envolveu diversos clubes do Leia Mulheres do país, colocou-se no cerne do debate uma das grandes expoentes da geração mimeógrafo brasileira. Vida e obra da autora foram marcadas pela interrupção precoce de seus trabalhos, quando em 1983 a escritora cometeu suicídio. Em entrevista para o *HuffPost* Brasil, Juliana Gomes, uma das fundadoras do Leia Mulheres em São Paulo e no Brasil, afirma:

A Ana Cristina foi uma poeta polêmica. Seus poemas vão além da poesia. Ela faz uma pincelada de muitos autores. Ela é contracultura, é poeta marginal cometeu suicídio e ficou esquecida por muito tempo. Os livros estavam esgotados e agora houve um relançamento de sua obra. Ela morreu muito jovem e não teve muitas republicações. Os seus escritos são uma poesia pungente. Aqui em SP nunca tínhamos lido algo tão forte. A poesia é diferente da prosa. A Ana é tão visceral que você sente a necessidade de entrar em tudo sobre ela. Ler poesia não é fácil.¹¹

10. A retrospectiva é dos nove encontros realizados em 2016, primeiro ano do clube na cidade de Goiânia.

11. Disponível em: <<https://goo.gl/AVSNvx>>. Acesso em: 2 dez. 2016.

Homenageada pela FLIP em 2016, Ana Cristina César voltou a figurar nas prateleiras das livrarias do país, e a ação nacional do clube auxiliou de maneira muito significativa na difusão de sua obra para além dos grandes centros culturais como Rio de Janeiro e São Paulo. Considerada musa, Ana Cristina César rechaçou em vida esse e outros rótulos que pudessem fazer com que sua obra fosse vista com desmerecimento e esvaziamento de valor. Em “poema óbvio”, ela retrata essa questão:

Não sou idêntica a mim mesmo
sou e não sou ao mesmo tempo, no mesmo lugar e sob
[o mesmo ponto de vista
Não sou divina, não tenho causa
Não tenho razão de ser nem finalidade própria:
Sou a própria lógica circundante¹²

Ana C., como comumente era chamada, foi uma mulher à frente de seu tempo e pagou um preço alto por isso. O livro *Poética* reúne toda a sua obra, inclusive poemas publicados posteriormente à sua morte, levando ao leitor um panorama de sua rápida, mas intensa produção. Em Goiânia o que se verificou foi um profundo sentimento de reconhecimento junto aos versos da autora: homens e mulheres entenderam a importância de seus poemas. A dor, os silêncios, as esperas, os poemas etéreos e densos, e os exercícios poéticos realizados

pela autora, além de uma possível sexualidade considerada abjeta por estar fora do que se reconhece como “normalidade”, foram temáticas pautadas no segundo encontro presencial. A estreia do clube encheu o Evoé Café com Livros e não poderia ter sido mais emblemática.

Para o segundo encontro do Leia Mulheres Goiânia foi escolhida a obra *Sem palavras*, das goianas Larissa Mundim e Valentina Prado. O livro traz uma literatura ultratemporânea, que subverte a própria concepção do que seria a plataforma do livro, em um híbrido de composições em que letras de música, e-mails, bate-papos virtuais, arquivos de fotografia e músicas se fundem e abrem ao leitor a possibilidade de acompanhar tudo isso também pela rede, no blog da obra.¹³

Muito mais do que a confecção metalinguística de um conto escrito a quatro mãos pelas protagonistas do livro, deflagrando o processo de composição literária dentro de uma composição literária, *Sem palavras* trata da construção e da destruição de uma história de amor entre mulheres:

Reflexões sobre você e eu
De Laura Passing <laura.passing@gmail.com>
Para: Brisa Marin <eusoubrisa@gmail.com>
Data: 16 de março de 2010 21:18

12. CÉSAR. *Poética*, p. 172.

13. Disponível: <<http://www.negalilu.blogspot.com.br>>. Acesso em: 2 dez. 2016. Uma segunda edição do livro, disponível em e-book para diversas plataformas, deve ser lançada em 2017, segundo informação da autora Larissa Mundim.

Assunto Reflexões sobre você e eu
Enviado por gmail.com

Lilu,
Descobri que nossa história é resultado de fracassos originais.

Para mim você surgiu de uma Operação Kamikaze mal-sucedida. Quando tudo deu errado no meu ritual de automutilação semestral, você estava do meu lado.¹⁴

Inovando tanto na forma quanto no conteúdo, sem amarras e preconceitos, a obra retrata o espaço e a voz da homoafetividade feminina, evocando conceitos como identidade, subjetividade lésbica, autoria (quem será Valentina Prado?), as injúrias e problemas sofridos por pessoas consideradas abjetas pela sociedade, mas que transformam em poeas tais questões, e questionando a própria heterossexualidade compulsória. O convite é para o gozo desmedido e sem hora nem lugar, que leva o leitor a experimentar um prazer diferente e mergulhar no universo de Nega e Lilu.

A heterossexualidade compulsória e o erotismo latente também são temas abordados na obra e despertaram nos integrantes do grupo questionamentos sobre o próprio limite do controle e conhecimento dos corpos femininos. A oportunidade de ter uma das autoras presente no encontro, Larissa

Mundim, trouxe para o debate pontuações bastantes pertinentes sobre o processo criativo e as questões que permeiam a produção literária, revelando mais uma função articulada do clube, que é a de incentivar mulheres a se reconhecerem como escritoras, motivando-as a revelar os escritos de sua autoria que estejam guardados.

Posteriormente, a literatura distópica, a disciplinarização dos corpos femininos e o estado de exceção estiveram presentes no debate do clube goiano, ao trazer para a leitura *O conto da aia*, da canadense Margaret Atwood, escolhida por meio de enquete na página oficial do Leia Mulheres Goiânia no Facebook.¹⁵ Como seria se num futuro próximo as mulheres fossem reduzidas à mera função de procriadoras da humanidade?

Se o corpo é uma construção, produto da socialização cruel que privilegia determinados grupos em detrimentos de outros, é correto afirmar que os padrões estéticos e as normas de conduta vão mudando de acordo com a cultura e através dos tempos e das sociedades e em geral são opressivos com as minorias em direitos. Segundo Guacira Lopes Louro, “através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política”.¹⁶ E é justamente das relações de poder e da questão política que

14. MUNDIM; PRADO. *Sem palavras*, p. 154.

15. É na página do Facebook sob o nome “Leia Mulheres Goiânia – GO” que são divulgadas informações sobre os encontros do clube e também são compartilhadas publicações de interesse dos participantes, como autoria feminina, mulher e literatura, chamadas de escritores para publicação e prêmios literários. Esse espaço virtual também serve para tomadas de decisões conjuntas, como a realização de enquetes para escolhas dos livros que serão discutidos. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/leiamulheresgoianiago/>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

16. LOURO. *Pedagogias da sexualidade*, p. 27.

está inserida num discurso de subalternização feminina que a obra vai tratar.

Sendo assim, somos apresentados a Offred, uma das aias, que conta sobre o complexo processo em que a sociedade falocêntrica empenha mecanismos pedagógicos de maneira tal que consegue dominar e controlar por completo os corpos femininos. A personagem narra como modo de resistência:

Não quero estar contando essa história. Não quero contá-la. Não tenho que contar nada, nem para mim mesma nem para mais ninguém. Poderia apenas ficar aqui sentada, sossegadamente. Poderia me retirar. É possível ir tão longe para dentro, descer tão fundo e recuar tanto, que eles jamais conseguiriam fazer você sair.¹⁷

O mergulho para dentro aparece como um ato de rebeldia, convida a um mergulho literário intenso, que reconhece lutas e opressões profundas. Reiteradamente consideradas subalternas, castradas, indignas de afeto e respeito, as mulheres desta obra, assim como acontece rotineiramente na sociedade, têm de empenhar esforços muito maiores para terem suas vozes ouvidas. Ainda que saiba dos riscos de morte, de atentar contra a própria vida, Offred escolhe narrar, escolhe existir e resistir. A solidão, os espaços de silêncio, as lacunas e as interdições saltam aos olhos do leitor para que este se

torne cúmplice dos relatos e num processo de empatia torça para que os paradigmas e normas sejam quebrados. Ainda que não se considere feminista, a obra de Atwood marcou tanto sua geração quanto as que vieram em seguida, conclamando mulheres a se levantarem e lutarem por direitos.

A leitura de *Pomar das almas perdidas*, da somali-britânica Nadifa Mohamed, foi uma insistência das mediadoras do Leia Mulheres Goiânia. Tendo perdido na votação do encontro anterior, voltou no mês em que a escrita de mulheres negras foi o destaque. A narrativa, perpassada pela história de três mulheres, Deqo, Filsan e Kawsar, tem como cenário a ditadura militar da Somália, em 1987. Nesse ambiente, marcado por dores, perdas, violência física e simbólica contra mulheres, a grande lição do livro parece ser a força que existe quando a união feminina acontece, no encontro que promove empatia, alteridade e sororidade.

O coração de Kawsar bate forte, sua respiração é rasa e silenciosa. Ela quer que o tempo acabe neste momento, para que não haja no mundo entre seus dedos ágeis e o cabelo da menina para tecer em seda. Deve haver uma feiticeira corcunda e desdentada em algum lugar que entrelaça todas estas pessoas disparatadas, pensa Kawsar, que joga esta menina para perto de mim enquanto famílias são despedaçadas.¹⁸

17. ATWOOD. *O conto de aia*, p. 269.

18. MOHAMED. *Pomar das almas perdidas*, p. 276.

Mulheres fraturadas, deixadas para trás, que se reconhecem com muita dificuldade e transformam espaços de insegurança, incerteza e violência em espaços em que o afeto se mostra possível na busca pela sobrevivência, em que pouca coisa importa e as relações estão dilaceradas. Em meio à guerra, ao poder masculino como máquina opressora, que literalmente despedaça, mutila e dilacera pessoas, reconhecemos mulheres em processo de autoconhecimento, na busca por si mesmas e por desenvolver suas próprias habilidades de se reconhecerem como humanas.

A tangência de temas tão diversos marca a profundidade das relações e invariavelmente os debates e leituras passam a ser feitos também com bastante cuidado e um olhar crítico mais acurado. A possibilidade de trazer uma obra que retrata um estado de exceção na Somália abriu o diálogo e as possibilidades de conhecer a realidade de culturas que estão fora dos eixos tradicionais de representação como internacionalmente se configuram as obras americanas e europeias e, no Brasil, as que estariam mais alinhadas aos centros urbanos e culturais como as elites cariocas e paulistanas.

Um fato bastante curioso sobre *Pomar das almas perdidas* é que, ainda que muitos participantes do clube tenham dito ser um livro que provavelmente não leriam não fosse pelo Leia Mulheres Goiânia, a mobilização e emoção em torno de sua leitura foram latentes e estiveram bem marcadas no encontro

presencial. Tudo aconteceu de maneira tão intensa que uma das participantes do clube interagiu com Nadifa Mohamed em um *post* no Twitter e esta respondeu com muito carinho dizendo se sentir privilegiada com a leitura no Brasil.

Passadas duas obras com temáticas duras e de leituras prazerosas, mas bastante difíceis, era chegada a hora de tratar de quadrinhos. *Garota Siririca*, da brasiliense Lovelove6, foi o livro escolhido para a quinta leitura do clube. Elaine Showalter, em seu estudo *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*, lança o olhar crítico sobre a necessidade política da vagina ser encoberta, interdita, proibida, afirmando que: “O olhar masculino proporciona tanto o poder quanto o risco, pois o que está por trás do véu é o espectro da sexualidade feminina, uma boca silenciosa, porém terrível, que pode ferir ou devorar o observador masculino”.¹⁹

Sobre o espectro desse mito, comumente conhecido como “vagina dentada”, aquela que é capaz de engolir e castrar homens, as mulheres acabaram sendo educadas para não compreender seus corpos, não gostar deles, não reconhecer neles espaços e momentos de prazer, uma vez que estavam a serviço apenas da reprodução. Assim, a masturbação feminina se tornou um tabu, um espaço de interdição e proibição, afinal, mulheres devem dar prazer aos homens, não ser agentes de seus próprios prazeres. O que o livro *Garota Siririca* faz é tirar

19. SHOWALTER. *Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle*, p. 194.

esse véu, descortinar esses mitos e entregar para as mulheres leitoras um poder precioso: de se dar prazer.

Fechei os olhos e me dediquei por mais de uma hora a me tocar pacientemente, a ouvir os até então silenciados desejos e sensações do meu corpo. Enfim, experienciei o tal orgasmo e, como uma segunda puberdade, decidi praticar o exercício de autodescoberta, autocuidado e autonomia [...].²⁰

O corpo feminino sai finalmente do lugar abjeto a que foi relegado ao longo dos séculos. Ao não ser mais visto como sujo, encontra no livro a possibilidade de ser amado e cuidado. O empoderamento, a emancipação, as relações homoeróticas entre mulheres e a masturbação feminina estiveram no centro do debate. A autora compareceu ao clube e deu uma verdadeira aula sobre a importância e a urgência de as mulheres conhecerem seus próprios corpos. *Garota Siririca* é uma zine cuja primeira edição só foi possível graças ao financiamento coletivo em plataforma na internet. Com o dinheiro que conseguiu nas vendas dessa primeira edição esgotada, Lovelove6 custeou uma segunda edição e tem viajado por feiras independentes de todo o país divulgando seu trabalho. O livro esteve disponível gratuitamente em página na internet e é totalmente independente no suporte do livro, configurando-se como uma verdadeira quebra de tabus e clichês ao romper com paradigmas literários, editoriais, sociais e sexuais.

Em uma surpreendente mobilização dos integrantes do clube e nas redes sociais, os recordes de participação foram batidos: mais de 80 pessoas compareceram ao encontro presencial. Homens e mulheres, ávidos para conhecer a autora, mas também para romper os tabus impostos socialmente. Na ocasião também aconteceu o lançamento do livro *Topografias*, um projeto gráfico todo feito por mulheres, contando com seis autoras (entre elas Lovelove6) e uma ilustradora. Todos os livros que a autora disponibilizou para venda esgotaram rapidamente.

A militância da autora em prol do feminismo, da emancipação e do protagonismo de mulheres gerou uma série de debates produtivos, em que a troca de experiências entre as mais diversas mulheres foi possível, deflagrando o Leia Mulheres Goiânia também como um espaço seguro para a exposição de questões importantes e que são silenciadas socialmente. Sem pudores e sem vergonha, mulheres das mais diferentes idades se encontraram para compartilhar suas experiências eróticas, tirar dúvidas e expor como se sentem em relação aos seus corpos.

O erotismo feminino voltou a figurar como tema do Leia Mulheres Goiânia na ocasião da discussão e leitura de *Além dos quartos*, do Coletivo Louva Deusas.²¹ A coletânea foi vencedora da enquete na página virtual do clube. Considerada a primeira coletânea erótica negra, o livro conta com a

20. LOVELOVE6. *Garota Siririca*, p. 1.

21. Disponível em: <<https://louvadeusas.wordpress.com/>>. Acesso em 5 dez. 2016.

participação de escritoras e desenhistas feministas negras de todo o país, além de participações nos desenhos de artistas franco-marroquina e franco-sudanesa. Aqui, poesia, prosa e desenho trazem a sexualidade, os desejos e as temáticas das mulheres negras para mais de cem páginas onde o prazer também é um dos personagens principais.

Organizado, editado, ilustrado e publicado de maneira independente e só por mulheres, *Além dos quartos* é uma obra feita a muitas mãos, que deflagra os anseios e as necessidades de mulheres consideradas à margem da sociedade – tanto pela questão de gênero quanto pela questão de raça – de terem suas vozes ouvidas. Uma dessas vozes é de Anita Benite, que também assina a coletânea. Benite é carioca residente em Goiânia e esteve presente no encontro do Leia Mulheres sobre *Além dos quartos*. Além de escrever, ela é professora da Universidade Federal de Goiás (UFG) e estudiosa e ativista sobre a cultura negra. Seu vasto conhecimento sobre feminismo negro permitiu aos participantes do encontro uma profícua discussão sobre a condição marginalizada da mulher negra na sociedade, tema que perpassa toda a obra.

A sexualidade da mulher negra também é uma questão cara às discussões feministas. Diante disso, o grupo debateu sobre o estereótipo do corpo negro construído na história, na literatura e também na mídia: ultrassexualizado e sem espaço para a autorrepresentação. Em *Além dos quartos*, se

por um lado a mulher negra reivindica o direito de ser dona das suas próprias escolhas, por outro ela reconhece sua solidão, por estar na margem social, como nos versos de Bárbara Nascimento.

Meu preto não é meu...
Tampouco sou sua
Ainda assim ele me quer
Putá, gostosa, nua.

Eu, tão acostumada com não
Atendo, prontamente, aos seus mandos [...]

Multiplicando gozos
Evidencio o quanto sou sua...
Somente... enquanto nua.²²

Assim, entende-se que é tempo de a mulher negra se conhecer e se reconhecer na produção, que por tempo demais lhe foi negada, e articular isso por meio do erotismo reconhecendo seu lugar de fala e se escrevendo e reescrevendo na história é também uma possibilidade de resistência e existência.

A sétima leitura do clube em Goiânia foi *A guerra não tem rosto de mulher*, da bielorrussa Svetlana Aleksievich. A obra promove uma discussão sobre o ponto de vista canônico da história da humanidade a partir de relatos que descortinam

22. ROMIO; ROMIO. *Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas*, p. 108.

a participação das mulheres no advento da Segunda Guerra Mundial. De acordo com suas investigações, as versões históricas sempre partiram dos homens, enquanto às mulheres coube o silêncio:

Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas... Foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos de guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas”. Já as mulheres estão caladas. Ninguém, além de mim, fazia perguntas para minha avó. Para minha mãe. Até as que estiveram no front estão caladas. Se de repente começam a lembrar, contam não a guerra “feminina”, mas a “masculina”.²³

As versões de mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial sobre suas próprias histórias – muitas delas vieram a público pela primeira vez neste livro – orientam para o gênero livro-reportagem, que levantou polêmica na ocasião em que Aleksiéovich venceu o Prêmio Nobel de Literatura, em 2015, pelo fato de suas obras serem extensas reportagens com relatos em primeira pessoa. A polêmica também foi levada para o encontro do Leia Mulheres Goiânia, que se configura como um lugar para discutir sobre o que é e o que não é a

literatura, questionando conceitos engessados sobre o objeto literário e sobre autoria. Ao desmistificar a literatura, tirando os escritores de seus pedestais históricos, abre-se espaço não só para aceitar textualidades que estão em sintonia com os parâmetros pós-modernos de criação artística, mas também para abraçar tipos sociais antes excluídos desses círculos.

Ao se conhecer as histórias das mulheres que participaram da Segunda Guerra Mundial, seja no *front*, na cozinha, nos hospitais ou atrás dos telefones, é revelado o quanto a participação feminina foi essencial para a conquista da vitória soviética e, ao mesmo tempo, como foi negligenciada por aqueles com quem ao lado as mulheres lutavam. São memórias de morte, dor, violência, sofrimento, rupturas, violações, atrocidades e injustiças, descritas de forma extremamente viva e crua, por quem viveu a guerra em todos as suas idiosincrasias. Há também vida, alívios, amizade, humanidades e um desabafo que perpassa toda a obra, reclamando a igual parcela de vitória no conflito que lhes foi roubada. O inconformismo das mulheres que tiveram suas trajetórias apagadas na história se apresenta, por meio de *A guerra não tem rosto de mulher*, como combustível para a luta das mulheres.

O debate sobre a desconstrução da representação feminina veio com *Um útero é do tamanho de um punho*, em que a autora Angélica Freitas intensifica sua busca pela quebra e ruptura de padrões e paradigmas literários. A obra busca ainda

23. ALEKSIÉVICH. *A guerra não tem rosto de mulher*, p. 12; grifos da autora.

romper com o mito da beleza, que não tem nada a ver efetivamente com as mulheres, mas que segundo Naomi Wolf, “ao atribuir valor às mulheres de numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriam”.²⁴

Sendo assim, o corpo feminino nos é revelado com suas mais diversas fraturas, fendas, diferenças e marcas. Muito além das santas e das musas, mulheres comuns transitam pelas páginas do livro: são gordas, sujas e insubmissas:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa

há milhões, milhões de anos
pôs-se sobre duas patas
a mulher era braba e suja
braba e suja e ladrava²⁵

Neste trecho do primeiro poema do livro, a violência que se revela é simbólica. É preciso tirar da mulher tudo aquilo que

a caracteriza, tudo que lhe é natural a fim de domesticá-la para que não seja um perigo para a sociedade. Uma mulher boa segue padrões, aos olhos da máquina patriarcal, é submissa, não reclama e aceita sua condição de subalterna socialmente, naturalizada pelos construtos sociais. Entretanto, para Angélica Freitas interessa revelar justamente as mulheres que não se encaixam, que não aceitam o espaço de dor em que a sociedade patriarcal as colocou e que tomam posse de suas escolhas e vozes.

O título do livro merece destaque. O útero, historicamente tratado pela tradição como um símbolo sagrado de fertilidade, encontra sua ressignificação ao ter seu tamanho comparado com o de um punho. E não é qualquer punho, mas um que aparece cerrado, como marca da resistência. A utilidade do útero deixaria de estar centrada apenas no esvaziamento do poder feminino pela função biológica da procriação, lugar em que a mulher ficou durante muito tempo relegada, e passaria a ser um elemento de demonstração da luta pela afirmação de uma nova estética não castradora, de retomada de um lugar de fala bastante específico que conclama suas leitoras ao *empoderamento*, à emancipação e a serem sujeitos de seus próprios discursos.

As integrantes do clube do Leia Mulheres Goiânia parecem ter ouvido o chamado dos versos de Angélica Freitas, que

24. WOLF. *O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*, p. 15.

25. FREITAS. *Um útero é do tamanho de um punho*, p. 11.

as convidam ao autoconhecimento, ao reconhecimento do corpo imperfeito e por isso real, à quebra de tabus e clichês de representação, dos mitos da beleza e das normas de conduta que são opressivas, estabelecendo um debate profundo e sincero que as faz reconhecerem-se como mulheres não apenas legitimadas pelo olhar masculino, mas amadas e pertencidas por seus próprios olhares.

O romance *Outros cantos*, da vencedora do Prêmio Jabuti Maria Valéria Rezende, foi o último escolhido do ano de 2016 para ser lido no clube. A obra joga luz sobre os excluídos do sertão pernambucano. A protagonista Maria é uma educadora que, numa viagem de ônibus pelo Nordeste, recorda seu trabalho durante a ditadura no povoado fictício de Olho d'Água, inspirado em Caraiibeiras (PE). A trajetória da personagem se confunde muito com a história da própria autora, ex-freira, que também se dedicou à educação popular de jovens e adultos, inspirada nas ideias de Paulo Freire, no sertão pernambucano e no período da ditadura militar brasileira.

Os ecos de memória que emanam desse retorno de Maria para o sertão nordestino nos mostram justamente a necessidade de resgatar o passado para não lhe esquecer. Reelaborar as lembranças é um exercício de escavação nas entrelinhas, nos interditos, nos espaços que se transformavam em afetos e permitem com que esses ecos virem cantos:

Por mim, enquanto eu puder refazer o sertão das minhas lembranças e belos assombros revividos esta noite, os motoristas podem discutir pelo resto da vida. Eu não tenho pressa. Ou melhor, resta-me pouco tempo para passar a limpo meu velho sertão, destacá-lo da maçaroca de recordações acumuladas vida afora²⁶.

Maria Valéria Rezende funda resistência ao trazer a necessidade de contar histórias e abrir portas para a voz de um grupo específico, que é bastante marginalizado pela literatura tradicional. E faz isso de maneira simples, não caricata.

A oralidade, muito presente no livro, traz uma linguagem muito rica que corporifica, materializa histórias e resgata o falar do sertanejo. No encontro do clube, a empatia pela história contada ficou em evidência, quando todos os participantes perceberam a identificação com o que foi narrado, sendo arrebatados por tamanho lirismo da autora. Certamente, ao mergulharmos juntos com Maria nessa viagem, não estamos mergulhando apenas para dentro do país, mas para dentro de nós mesmos e é impossível sairmos ilesos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: LITERATURA COMO ATO POLÍTICO

A partir do intuito de diversificar e mostrar outras possibilidades para a produção, o processo criativo e a escrita de

26. REZENDE. *Outros cantos*, p. 73.

mulheres, o projeto Leia Mulheres, por meio da análise da experiência em Goiânia – GO, cumpriu com êxito seus objetivos de trazer autoras de diferentes nacionalidades, idades e que se expressam por diferentes gêneros e plataformas. A missão política, social e literária de divulgar obras de escritoras que são muitas vezes desconhecidas do grande público também esteve permanentemente na pauta do Leia Mulheres Goiânia, fazendo perceber que os mais de quatrocentos membros do grupo na página do Facebook, ainda que nem todos compareçam aos encontros presenciais, de alguma maneira estão sendo afetados por toda essa movimentação. Essa rede que vai se criando e expandindo pela força da vontade de fazer algo diferente, de mudar o *status quo* excludente e vigente em nosso cotidiano, de transformar as últimas quintas-feiras dos meses em momentos desejados, aguardados, para que diálogos sinceros sejam abertos, transforma a literatura em mola propulsora de mudança da sociedade.

Se escrever é falar em nome do outro, a representação se configura como um ato político que não apenas dá voz a determinados grupos, mas também relega a outros grupos o direito de fazer ouvir suas demandas, realidades e necessidades. Nesse sentido, Guacira Lopes Louro afirma que “os grupos sociais que ocupam as posições centrais, ‘normais’ (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.) têm a possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas

também de representar os outros”,²⁷ mas sempre perpassados por seus próprios padrões éticos e estéticos. Nessa perspectiva de pensar a escolha de leitura como um ato político, que deflagra relações de poder bastante engendradas por construtos sociais, o Leia Mulheres cumpre também uma função muito especial de levar aos participantes obras e leituras que muito provavelmente não seriam acessadas pelos leitores fora do clube ou em outros espaços em que a preocupação com a autoria feminina não fosse uma prioridade.

REFERÊNCIAS

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ATWOOD, Margaret. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- CÉSAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo, RJ: Horizonte, 2012.

27. LOURO. *Pedagogias da sexualidade*, p. 16.

DESCARRIES, Françoise. Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. **Textos Históricos**, v. 8, n. 1, p. 9-44, 2000.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

LOVELOVE6. **Garota Siririca**. Brasília: Edição da Autora, 2016.

MOHAMED, Nadifa. **O pomar das almas perdidas**. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Tordesilhas, 2015

MUNDIM, Larissa; PRADO, Valentina. **Sem palavras**. Goiânia: Edição das Autoras, 2013.

REZENDE, Maria Valéria. **Outros cantos**. Rio de Janeiro: Alfagarra, 2016.

ROMIO, Jackeline; ROMIO, Priscila (Org.). **Além dos quartos: coletânea erótica negra Louva Deusas**. São Paulo: Edição das Autoras, 2016.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura do fin de siècle**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Bia Nunes e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOOLF, Virginia. **A room of one's own**. Eastford, US: Martino Fine Books, 2012.